

opinião

A economia de baixo carbono

Renato A. Pontes Cunha

A economia pernambucana integra, atualmente, um ciclo virtuoso, notadamente com o boom de Suape - nosso grande ativo industrial e portuário. O ritmo do crescimento já é superior a 10% ao ano ultrapassando os 7% projetados para o Brasil.

O adensamento dos clusters é uma realidade focada em preencher lacunas e o Estado supera empecilhos para crescer de forma sustentada. É um desenvolvimento coeso e grande fator de integração para os pernambucanos.

O setor sucroenergético continua presente. Em Suape, conta com terminais para armazenagem de etanol, além do futuro investimento na construção de um terminal de açúcar branco - refinado e cristal. A iniciativa gerará inversões significativas que beneficiará os produtos oriundos de uma cadeia produtiva, criando mais de 90 mil empregos diretos, formais, além de contar com importante participação de mais de

15 mil fornecedores de cana.

Pernambuco vem, assim, se transformando e alcançando patamares de diversificação econômica, a partir da agricultura, hortifruticultura, além da bacia leiteira e criação de ovinos, caprinos e bovinos.

Há, ainda, em implantação, uma pluralidade industrial aliçada em refinaria de petróleo, estaleiro, polo petroquímico, fábrica de automóveis e tantas outras indústrias e serviços de grande alcance sócio-econômico.

A indústria de cana-de-açúcar atua

no ambiente econômico, não só investindo diretamente, como nos casos dos terminais de Suape, mas também em sua inserção no mundo do "baixo carbono". O produto, a partir do etanol, gera combustível limpo devendo, inclusive, se tornar futuramente fornecedor imprescindível

para a indústria petrolífera.

Recentemente, a agência ambiental norte-americana considerou o etanol de cana-de-açúcar combustível avançado, capaz de reduzir em 61% a emissão de carbonos em relação à gasolina, contra apenas 21% do etanol oriundo do milho.

A cana-de-açúcar, como sabemos, não é extrativista, envolve agricultura, tempo, clima, solos,

tecnologia e extremado zelo no seu processo de maturação. Ela absorve 7,464 quilos brutos de Co2 em seu crescimento.

Inúmeros

são os países que, recentemente, criaram leis ambientais com a presença dos renováveis nos combustíveis. Alguns exemplos são o Canadá, os EUA que, até 2022, utilizarão 136 bilhões de litros de etanol, além da Europa, com os 10% da Lei da Directiva Europeia; a Índia, com 20% de mistura até

2017 e tantas outras iniciativas em inúmeros países.

O etanol de cana é, então, um agregador ambiental e internacional e fará parte da vida daqueles brasileiros que estarão nascendo daqui para frente. Eles são a pós-geração Y (anos oitenta), crescendo com domínio da digitalização, porém gestores de sustentabilidade ambiental.

No entanto, ainda temos desafios, sobretudo focados nos biocombustíveis de segunda geração (origem celulósica), nos avanços da cogeração e na mecanização, ambiental, do corte das lavouras, notadamente em áreas planas, bem como na busca por melhores índices de produtividade a partir do melhoramento genético.

Os biocombustíveis, assim como as energias renováveis, mitigam o aquecimento global e evitam alterações antropogênicas, bastante malélicas aos biomas, onde ainda existe vida no planeta.

» Renato A. Pontes Cunha é presidente do Sindaçúcar/PE

O etanol de cana é um agregador ambiental e internacional